

Cordas rompidas causaram morte de PMs

Os cabos de náilon se partiram a 50 centímetros da cintura dos policiais, segundo oficial da Aeronáutica

PATRÍCIA MOTTA

As três cordas por onde desciam o sargento Laércio Pereira de Almeida e os cabos Marcelo Roberto de Assis Rocha e Ricardo Kugler, mortos sexta-feira, quando caíram de helicóptero, em Candangolândia, durante prática de rappel, arrebentaram-se, todas quase ao mesmo tempo, no mesmo lugar, a 50 centímetros das cadeirinhas de lona que sustentavam os policiais durante o treinamento. Dois dos PMs desciam de rappel por um lado e o outro estava do lado oposto, para equilibrar o helicóptero, quando aconteceu a tragédia.

As explicações sobre o acidente foram dadas ontem pelo capitão César Leal, oficial de segurança de voo do Serviço Regional de Aviação Civil (Serac 6). O capitão é encarregado do inquérito aberto pelo Ministério da Aeronáutica para investigar as causas do acidente. Capitão Leal recolheu as cordas no local do acidente para analisar o material no Centro Técnico Aeroespacial da Aeronáutica. Ele informou que a maior parte dos cabos (feitos de fios de náilon e reforçados com fibras de algodão) ficou no helicóptero. “Elas arrebentaram bem perto da cintura dos militares, próximo à cadeirinha de lona por onde eles ficam seguros”.

Consenso - O tenente-coronel Antônio Coelho Vítola, chefe da Comunicação Social da Polícia Militar, confirmou a versão do capitão Leal e disse que, segundo informações preliminares de testemunhas que estavam no local, as três cordas teriam se rompido mesmo a uns 50 centímetros da



Alan Marques

Cerca de cinco mil pessoas acompanharam ontem o enterro dos três policiais, no Campo da Esperança

cadeirinha dos militares. O que provocou o rompimento dos cabos continua sendo um mistério. “Não se sabe a causa do rompimento das cordas e o motivo só será apontado após a conclusão do inquérito movido pela Polícia Militar, a cargo do tenente-coronel Márcio Augusto Correa. Não vamos fazer suposições”, ponderou o coronel Vítola.

O major Haroldo Machado Ferreira, comandante do Centro de Treinamento do Corpo de Bombeiros, especialista na prática do rappel, disse que não consegue imaginar o que possa ter causado o acidente. “As cordas são extremamente resistentes. Posso pensar que talvez eles tenham tentado freiar bruscamente e o tranco multiplica o peso das pessoas. Mas isso não seria

suficiente para arrebentar os cabos”.

Ele explicou que o helicóptero da Polícia Federal suporta muito bem o peso que carregava. Se a ruptura fosse perto do helicóptero talvez pudesse ser por causa de um atrito com uma quina viva, cortante, ou por problema de amarração errada. “Mas tudo por enquanto são apenas suposições”, ponderou.

Bombeiro aponta risco na operação

Segundo o comandante do Centro de Treinamento do Corpo de Bombeiros, major Haroldo Machado Ferreira, a operação, utilizando aeronave e corda para a busca, resgate e salvamento em locais de difícil acesso, é uma atividade inerente a organizações que atuam em salvamentos e resgate.

Os únicos lugares onde são treinados homens para esse tipo de operação são no Curso de Especialização e Extinção de Incêndios, do Corpo de Bombeiros; na Aeronáutica, no Grupo de Pára-Quedismo, Salvamento Aéreo e Resgate, o Parasar; e no Batalhão de Aviação do Exército, em Taubaté. Esse tipo de operação exige um treinamento altamente especializado e técnico.

“Essa atividade de salvamento é tão especializada que até mesmo dentro do Corpo de Bombeiros existe um grupo treinado exatamente para isso, o Goraa - Grupo de Operação e Resgate Aéreo em Altura. Esse tipo de operação é restrita às unidades de resgate tanto da Marinha, do Exército, Aeronáutica quanto do Corpo de Bombeiros, e não da Companhia de Choque (CPChoque) ou da Polícia Florestal. Eu mesmo fiz, durante três anos, o curso de formação de oficiais na Academia de Polícia Militar, mas foi um curso básico e que não envolvia aeronaves”.

Mas o tenente-coronel Antônio Coelho Vítola, Chefe da Comunicação Social da Polícia Militar, garante que os três policiais fizeram o curso de Operações Especiais e eram aptos a fazer esse operação. “Eram profissionais altamente treinados e tinham mais de 300 descidas de rappel. Os três têm curso de Operações Especiais, sabiam o que estavam fazendo. Afinal, todos têm obrigação de salvar vidas, e a polícia muito mais”, informou.

Há três anos, um cabo se rompeu e matou um militar. O material foi levado para análise e foi encontrado resíduo de líquido de bateria de carro, que é altamente corrosivo. As cordas foram transportadas perto de uma bateria de carro que estava vazando.(PM)

Rappel, técnica pouco conhecida

O rappel, técnica empregada para descer obstáculos vertiginosos por intermédio de corda, é ainda pouco conhecido. Esta técnica surgiu na França, no final do século XIX. No Brasil, o rappel passou a ser mais divulgado nos anos 80, quando os praticantes do esporte começaram a populariza o verbo “rape-lar”: “Vamos rapelar uma cachoeira ou um prédio de 10 andares?”, é a pergunta dos rapeleiros em busca de aventura.

O rappel também é uma técnica bastante difundida entre os espeleólogos, pessoas que estudam e exploram cavernas. Principalmente pelos grupos de espeleólogos de Brasília, considerada uma das cidades onde mais se pratica o rappel pela proximidade de cachoeiras, colinas, cavernas, abismos e a facilidade

de se encontrar prédios altos.

O crescimento desordenado da técnica preocupa, no entanto, alguns instrutores do esporte, que alertam para a necessidade dos equipamentos e os procedimentos básicos de segurança. Entre os equipamentos necessários estão a corda, mosquetões, aparelho de descida, “oito” (aparelho de descida), sapatilha, costura, cadeirinha e capacete. Tudo isto não sai por menos de R\$ 700,00.

Os rapeleiros de Brasília elegeram a Cachoeira do Tororó, a Cachoeira de Indaiá, o Buraco de Araras e Andorinhas, como os principais pontos para se descer de corda. Além é claro, do esqueleto do antigo Brasília Palace Hotel, destruído por um incêndio, e hoje visitado diariamente pelos praticantes do esporte.